

## Das moças de cachos de risos

*Damaris de Oliveira Santos*<sup>1</sup>

*Juliana Borges de Souza*<sup>2</sup>

*Juliana Marques de Sousa*<sup>3</sup>

Moças de cachos de risos

Que desdizem o que diz a ciência onisciente

Que de tão mouca ficou incoerente

E de tão besta em sempre ter o que dizer, perdeu-se em seu defender

Sempre achando que sabe tudo resolver!

Lenga

Leiga

Lenga

Saber o que fazer é também saber ouvir

Por que não?

Não venha intervir antes de ouvir

Conversa de só falar, nada de conversa tem.

---

<sup>1</sup> Graduação (2014) em Ciências Sociais pela UFRRJ, Mestra (2018) em Ciências Sociais pelo PPGCS/UFRRJ; Doutoranda em Ciências Sociais pelo mesmo programa. Participa do grupo de pesquisa Conflitos, Violências, Sociabilidades e Processos de Mediação., Brasil. Niterói, Rio de Janeiro, Brasil. E-mail: damaris\_osantos@hotmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-1263-6594>

<sup>2</sup> Graduação em hotelaria (2015), Mestra (2018) em Ciências Sociais pelo PPGCS/UFRRJ; Doutoranda em Ciências Sociais pelo mesmo programa. Participa do Grupo de pesquisa sobre estudos de Cultura, Identidades e Subjetividades; e grupo de pesquisa de Estudos Sociais sobre Lazer e Hospitalidade. E-mail: [juliana\\_borges\\_souza@hotmail.com](mailto:juliana_borges_souza@hotmail.com)

<sup>3</sup> Graduação (2015) em Ciências Sociais pela UFRJ, Mestra (2018) em Ciências Sociais pelo PPGCS/UFRRJ; Doutoranda em Ciências Sociais pelo mesmo programa. Participa do grupo de pesquisa Observatório Fluminense/UFRRJ. E-mail: [julianamarquesce@gmail.com](mailto:julianamarquesce@gmail.com) ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-7651-1876>

Aborrece

Emburrece

Ensurdece

Ei, meninas de cachos de risos

DIGAM SEM MEDO DE DIZER

Se a ciência for besta e apartada do povo, não pode permanecer

A ciência se é uma coisa, é um espelho olhando para tu, bicho humano

E para o poema mais poeticamente científico ficar, coloquemos nesses versos um:  
portanto.

Para fim dar a problemática

Apelamos! Nos tragam “solucionáticas” como as de Dadá Maravilha

Tudo bem se a academia não aceitar

Ciência é o humano espalhado: imperfeito e sempre aberto a melhorar.

Nem rimos, nem choramos

Estamos alertas

Nas janelas agora abertas para de corpos fechados ficar

Não somos a ciência do desencanto.

Ei, mulheres com cachos e risos

O falso Messias é a bobice

Quem dera só isso fosse...

Apenas uma tolice

Sempre foi a tortura, a perseguição, a desrazão

O corte violador da vida

Eram os Messias famintos de morte.

Eles gritam que se morrer, está morrido!

Matemos somente a enunciação da morte

Tratemos de exigir, em absoluto, a vida.

Precisamos voltar à normalidade?  
Precisamos de outra normalidade.

Escolhamos ficar ao lado das moças de cachos de risos  
Fazedoras de uma ciência que escuta  
Estão ouvindo?  
Elas são elas, pronome pessoal de tratamento feminino  
Céticas demais para não ter fé  
E correm com a fé, se andar não for suficiente.

Era página nove, ali, no capítulo dois  
Perto do lugar de desistência de toda leitura  
Era João Cabral de Melo Neto  
Defendamos a vida armados de palavras.

Arranhadas  
Mal apresentadas  
Esperando para serem gritadas  
Encarnadas que são, não as apresse  
Toda palavra vira gente.

Ei, meninas dos cachos de risos  
A simplicidade é saber ouvir  
Nem sempre é preciso dizer  
A tua ciência também precisa saber o não dizer.

Ei, meninas sem cachos de risos e de todos os amigos  
A vida é o desmedido  
É a ciência que de atrevida virou poesia  
A poesia que de invasiva ficou científica  
É a língua portuguesa da gente gritada em forma de palavra.

### **Referências**

NETO, João Cabral de Melo. *Morte e vida Severina e outros poemas para vozes*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000.